

O PROFESSOR MALANDRINO DA GILLETTE

No dia seguinte, eu tinha um encontro marcado para alugar um apartamento. A cidade de Lisboa era fantástica, mas pouco acessível, dado o custo do aluguel, e fui obrigado a ir parar na última fronteira da capital, a periferia histórica: AMADORA BORDEA.

A região era típica porque abrigava a pátria da comunidade estrangeira portuguesa, mas não só cidadãos de Portugal — também alguns infiltrados, como eu.

Pai e filho vieram me receber, mas, quando entrei na casa, me mostraram um beliche dividido com outras três pessoas, dentro de um quarto de 9 metros quadrados, num apartamento com três quartos, nove pessoas, um banheiro, uma cozinha pequena, três geladeiras e baratas como hóspedes residentes — tudo dentro de uns 60 metros quadrados, por 230 euros por mês.

Com isso me sobravam exatamente 70 euros por mês para comer e viver, mas entendi outra coisa: eu estava fazendo um curso sobre como os pobres precisam aprender a administrar a riqueza — e isso ninguém ensina.

Um a um, os rapazes vieram se apresentar, dizendo o nome e o país de origem, me observando para descobrir como eu ia me comportar, e se eu era racista.

Dei a todos um sorriso e um cumprimento na língua de cada um: ANGOLA, MOGADÍSCIO, SÃO TOMÉ, BRASIL, PORTUGAL, CHINA, RÚSSIA e ARÁBIA SAUDITA.

Naquela noite me convidaram para o jantar deles — tinham organizado a ocasião para me dar as boas-vindas. Eu era o mais velho do grupo e, depois de 20 minutos conversando timidamente com todos, minha nova identidade portuguesa nasceu no instante em que me ouvi ser chamado de:

O Professor Malandrino

Eram todos jovens que tinham deixado mães, esposas ou namoradas para trás, longe de casa e das pessoas que amavam, e resolvi contar a eles uma história verdadeira, vivida — em troca, eu teria de cada um uma reação que me ajudaria a medir seu caráter e sua personalidade. Nenhum deles conhecia o meu método.

Contei que em 2021 eu tinha me dado umas férias no Brasil, na cidade de Natal — um lugar conhecido pelas dunas e pelos rituais locais —, onde, quando o dia virava noite, as moças no alto da duna desciam de costas, avançando aos poucos na direção de cada homem que esperava impávido lá embaixo, para conhecê-lo e construir novas relações, talvez até um futuro para si mesmas.

Fiquei naquela cidade quarenta dias — foi mesmo a minha quarentena brasileira —, mas nunca participei do jogo. Permaneci espectador, e observei.

Hoje penso, mais do que nunca, no quanto me serviu de verdade conhecer o Brasil — inclusive com a chegada inesperada da mulher CEO da Gillette — e, se um dia ela me perguntar sobre a sua terra, vou poder lhe dizer:

O RITUAL DAS DUNAS,

EU CONHEÇO,

MAS NUNCA PARTICIPEI,

PORQUE NÃO OFEREÇO FUTURO A NINGUÉM,

SÓ O PRESENTE.

O que mais me marcou naquela cidade foi a história com a filha do reitor, que conheci por acaso numa noite de segunda-feira, numa festa de solteiros.

Cheguei com 100 cartõezinhos de papel que eu tinha preparado, com meu nome e um número de telefone brasileiro, e que fui trocando com as mulheres do lugar — as que me agradavam, que diziam ser solteiras, divorciadas ou viúvas. No dia seguinte encontrei quatro delas no supermercado, fazendo compras com marido e filhos, e não houve troca de palavras, só olhares silenciosos.

Camilla, a filha do reitor, era uma mulher linda e avassaladora. Foi ela quem me levou para casa às duas da tarde e me fez sair às dez da noite, e foi ali que entendi que o meu colega lá de cima tinha querido me castigar — para me fazer entender que uma mulher pode derrotar mil homens, mas mil homens não podem derrotar uma mulher.

Sem entrar em detalhes, logo depois eu a levei para jantar num restaurante italiano e pedi duas garrafas de vinho branco e 14 lagostas só para ela. O garçom brasileiro perguntou se eu queria uma bruschetta, mas o cansaço — ou o meu ouvido traiçoeiro — me fez entender a palavra como “bussetta”, e eu já estava exausto e pronto para fugir.

Todos os rapazes do quarto riam, com cara de hipnotizados — ainda estavam presos à versão Amazon, de doze páginas, de como se vende o amor. Como eu podia continuar sem correr o risco de que explodissem?

Encerrei a conversa e fui dormir.

Na manhã seguinte, todo mundo pela casa dizia “bussetta brasileira” e “bussettero”, que em espanhol colombiano quer dizer motorista de ônibus — mas o trocadilho fazia todo mundo sorrir do mesmo jeito.

Fui embora em 22 de novembro de 2025, e todos lamentaram a minha partida — até as baratas que dormiam comigo na minha cama tiveram um momento de tristeza, porque é só naquele instante, quando você foi feliz com alguém e esse alguém vai embora, que você entende o que nunca mais vai ter.

Ferdinando